

7<sup>a</sup> Simposio Nacional de Geomorfologia  
Belo Horizonte, 03-08.08.2008

## Sistema geomorfológico e sistema antrópico pré-histórico no Brasil Central. Exemplo do estado de Minas Gerais

Maria Jacqueline Rodet <sup>1</sup>, Joël Rodet<sup>2</sup>, Adolf H. Horn <sup>3</sup>

<sup>1</sup> Doutora em Arqueologia, Bolsista FAPEMIG, Programa de Pós-Graduação em Antropologia, FAFICH-UFMG, Pesquisadora do MHN-UFMG, Belo Horizonte <jacqueline.rodet@gmail.com>

<sup>2</sup> UMR 6143 CNRS, Laboratoire de Géologie, Université de Rouen, 76821 Mont Saint Aignan, França, <joel.rodet@univ-rouen.fr>

<sup>3</sup> NGqA-CPMTC, IGC-UFMG, Belo Horizonte <hahorn@ufmg.br>

### Résumé

L'évolution du paysage a trois grandes conséquences sur les populations préhistoriques, à savoir :

- les ressources lithiques qui dépendent directement de l'évolution géomorphologique d'un secteur donné, en fonction des éléments géologiques constitutifs. On peut alors observer des ressources lithiques en place ou *in situ*, issues directement des roches de l'encaissant, et des ressources lithiques exogènes, apportées par les agents de l'érosion, en particulier le vent et l'eau, particulièrement efficaces dès lors qu'intervient un gradient, une pente.

- les ressources alimentaires qui dépendent directement des conditions du sol, à savoir des qualités physico-chimiques de la surface de l'encaissant, associée à l'humidité. Ainsi un sol riche peut accueillir une végétation abondante et nourricière, un sol pauvre peut imposer un pastoralisme léger et saisonnier. Ces richesses peuvent être directes (végétation) ou induites (animaux).

- l'appropriation de l'espace physique : les populations humaines sont largement dépendantes des conditions du milieu naturel, d'autant plus qu'elles vivent en relation étroite avec celui-ci. C'est précisément le cas des sociétés préhistoriques fondées sur la chasse, la pêche, la cueillette, et qui dépendent pour leur outillage des matières premières lithiques. On peut affirmer que les sociétés premières dépendent et agissent sur leur milieu naturel. En cela, elles s'approprient l'espace physique dans lequel elles subviennent à leurs besoins, et bien sûr les qualités des ressources guident les sociétés qui investissent cet espace en fonction de leurs besoins et des ressources correspondantes.

### Resumo

A evolução da paisagem tem três grandes consequências sobre as populações pré-históricas:

- os recursos líticos que dependem diretamente da evolução geomorfológica de um certo setor, em função de seus elementos geológicos constitutivos. Podemos então observar os recursos líticos *in situ*, diretamente das rochas do embasamento, e os recursos líticos das jazidas exógenas, trazidos por agentes erosivos, em particular o vento e a água, eficazes, principalmente, quando um gradiente ou um declive intervém.

- os recursos alimentares que dependem diretamente das condições do solo, a saber, das qualidades físico-químicas da superfície do substrato, associada à umidade. Assim, um solo rico pode acolher uma vegetação abundante, enquanto um solo pobre pode impor um pastoralismo leve e sazonal. As riquezas podem ser diretas (vegetação) ou induzidas (animais).

- a apropriação do espaço físico: as populações humanas são largamente dependentes das condições do meio natural, principalmente porque vivem em relação estreita com ele. É precisamente o caso dos grupos pré-históricos fundados sobre a caça, a pesca e a coleta, e que dependem das matérias-primas líticas para produção de seus utensílios.

Podemos afirmar que estes primeiros ocupantes dependem e agem sobre o seu meio natural. Neste sentido, eles se apropriam do espaço físico no qual buscam cobrir as suas necessidades, e, é claro, que a qualidade dos recursos guiam as sociedades que investem neste espaço em função de suas necessidades e dos recursos que eles oferecem.

## Introdução

No norte do estado de Minas Gerais, a abordagem geoarqueológica da bacia do rio Peruaçu demonstrou claramente a apropriação e a transformação do espaço pelos grupos pré-históricos [M.J. Rodet 2006]. O estudo geomorfológico permitiu a divisão espacial da bacia, onde certos compartimentos ofereceram qualidades específicas, principalmente em relação às indústrias líticas, as quais estão ausentes em outros. O estudo arqueológico revelou a utilização de certos suportes líticos dentro dos sítios, provenientes de um outro compartimento, ou às vezes, de fora da bacia. Esta constatação demonstra uma apropriação da paisagem e sua utilização diferenciada, tanto espacial quanto temporal, segundo as necessidades dos grupos.

Situado na margem esquerda do rio São Francisco, a bacia de 195 km<sup>2</sup> [Piló 1997] cobre, de oeste a leste, quatro grandes unidades geomorfológicas que se sucedem, da montante à jusante (fig. 1): a zona somital das nascentes situada dentro da formação Urucuia (alto vale); a zona de transição onde se sucedem a formação Urucuia, os calcários Bambuí e os elementos do embasamento granítico; o compartimento do cânion onde o rio realiza a travessia do platô calcário e a zona da planície aluvial ou depressão sanfranciscana onde se realiza a confluência com o grande rio [J. Rodet *et al.* 2003a, 2003b].

## I - Metodologia

Nossa abordagem repousa sobre dois aspectos: o primeiro é referente à análise minuciosa do sistema morfodinâmico definido [J. Rodet et M.J. Rodet 1999 ; M. J. Rodet *et al.* 2002] e consiste na:

- definição do sistema: limites, dimensão, geometria, dinâmica climática, funcionamento hidrológico, evolução geomorfológica, etc..

- compartimentação do sistema: a partir da identificação de sub-sistemas (nascentes, confluências importantes, maciços carbonáticos, embasamento, etc.), nos quais certas características físicas tem um valor específico.

- tipologia de jazidas de matérias-primas minerais: estas jazidas resultam da evolução geomorfológica que definiram suas localizações e seus conteúdos. As “armadilhas” do relevo resultantes desta evolução podem ser utilizadas como locais de jazidas de matérias-primas pelos pré-históricos [J. Rodet e M.J. Rodet 2001].

O primeiro elemento importante da nossa abordagem é que o estudo da evolução geomorfológica permite definir a repartição espacial das jazidas potenciais de matéria-prima lítica, enquanto a abordagem tradicional repousa sobre a prospecção do espaço em busca destes sítios. Na realidade, basta controlar em campo a presença das jazidas e suas possíveis utilizações para avaliar o modelo.

O segundo aspecto refere-se à tentativa de compreensão da relação meio físico x grupos humanos, ou seja, como estes últimos puderam aproveitar dos valores específicos dos diferentes elementos geomorfológicos, particularmente das jazidas líticas, para desenvolver suas atividades. Estes sítios adquirem, assim, um valor de marcadores territoriais.

As principais questões que guiaram nosso estudo foram:

- como os grupos ocuparam a bacia ?

- estariam eles utilizando os compartimentos de maneira complementar?

- se sim, esta ocupação estaria ligada às estações climáticas ou às jazidas de matéria-prima?

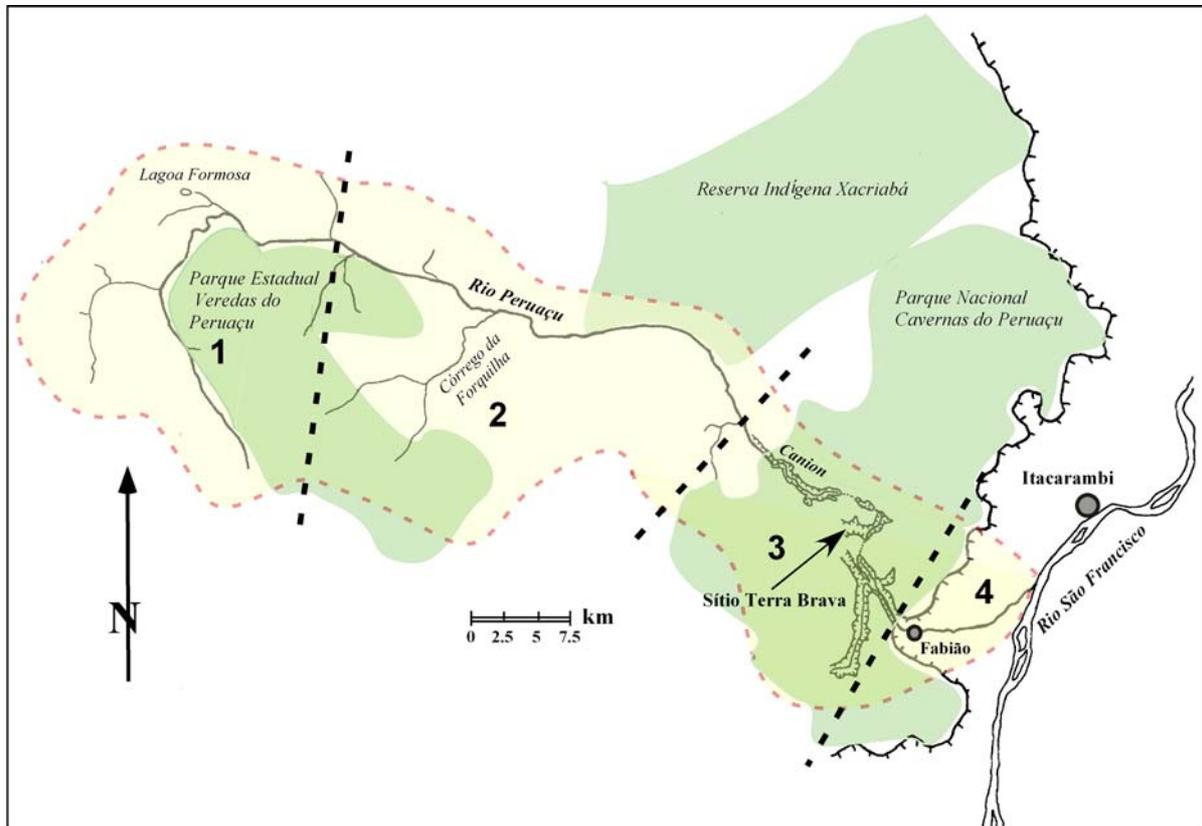
- a ocupação seria dependente de um eixo maior, como por exemplo, o rio São Francisco, ou o rio Cocha (rio situado a noroeste do alto vale do Peruaçu, limite dos estados de Minas Gerais e Bahia)?

Assim, é necessário, a partir das prospecções, compreender o quadro geomorfológico e seus funcionamentos (os obstáculos naturais e as possibilidades de passagem entre os setores, como os rios, os vales, os colos), para procurar entender como os grupos se adaptaram às condições deste meio ambiente. Neste sentido, utilizamos a noção de território, que pode ser dividido em vários espaços de vida: atividade doméstica, aquisição de matérias minerais, caça, setor de passagem, etc.. O conjunto espacial percorrido toma valor de “sistema antrópico”.

## II - O sistema geomorfológico do rio Peruaçu: quadro de uma ocupação pré-histórica

A área de estudo foi abordada como um sistema, ou seja, como um conjunto de elementos que constituem uma unidade, a qual chamamos aqui de “a bacia” [M.J. Rodet 2001]. Cada um destes elementos tem um valor e uma função por ele mesmo, mas também em relação ao conjunto. Cada elemento contribui ao conjunto - Sistema - e a sua especificidade - Sub-sistema. O rio, quando passa dentro de cada compartimento deposita e/ou toma elementos para transportá-los ou depositá-los mais longe, sejam líquidos ou sólidos [J. Rodet *et al.*, 2005; M.J. Rodet 2006].

O « sistema » assim definido foi dividido em sub-sistemas. Esta divisão é baseada nas qualidades específicas (geológicas, geomorfológicas, biológicas) de cada setor. Quatro sub-sistemas foram distinguidos: alto vale, zona de transição, compartimento do cânion, compartimento da planície aluvial (fig.1).



**Figura 1 - mapa da bacia do rio Peruaçu com os quatro compartimentos geomorfológicos. 1- o alto vale, 2- a zona de transição, 3- o compartimento do cânion, 4- a planície aluvial. Os limites dos compartimentos são aproximativos.**

**2.1 -** O alto vale se desenvolve de 750 a 830 m de altitude e, em grande parte, está integrado em um parque natural.

O setor é uma imensa reserva de vegetais que podem ter servido de matéria-prima às populações passadas, de plantas medicinais e comestíveis, de plumas de pássaros e também de caça. Trata-se de uma região de cerrado, *lato sensu*, e de zonas úmidas próximas ao rio. No entanto, os recursos líticos são reduzidos ou ausentes (arenito alterado).

**2.2 -** A zona de transição assegura a ligação entre o alto vale e o cânion. Situada entre as cotas 657 e 750m, esta área se desenvolve em parte dentro da reserva indígena Xacriabá e dentro do Parque Nacional Cavernas do Peruaçu.

A vegetação, assim como seu substrato rochoso, oferece um mosaico entre a Caatinga e o Cerrado, além da presença da floresta galeria, às vezes, composto de palmeiras *Buritis* (*Mauritia vinifera*) que chegam quase até a entrada do cânion. Nas proximidades das formações calcárias, nota-se a presença de bromélias e de gameleiras (*Ficus insípida*). Os recursos animais não são muito diferentes daqueles do alto vale.

O rio é aqui mais rápido e mais profundo e as dinâmicas da água e do relevo permitem o arrancamento e o carregamento da matéria-prima lítica. O rio Peruaçu é, a partir deste setor, uma jazida potencial de matéria-prima.

Nota-se a presença de jazidas que foram efetivamente ou potencialmente utilizadas pelos grupos passados:

as primeiras formações calcárias,

os primeiros afloramentos de jaspe (sítio arqueológico Olha Aqui),

a presença de uma janela geológica, que faz aparecer o substrato granítico,

o afloramento do arenito rosado,

a presença de calcários cripto-carstificados com elementos indicando uma estabilidade do nível de água (nível silicificado de clastes),

as primeiras ressurgências cársticas (olhos d'água),

os últimos lagos sazonais, com perdas de água no carste.

A complexidade geológica deste compartimento deve ter influenciado a ocupação deste setor, pois certos tipos de sílex e de minerais (quartzo ou sílex/jaspe do sítio Olha Aqui), só foram observados aqui. A janela geológica permitiu o afloramento do granito e a presença do quartzo, utilizado pelos grupos pré-históricos (encontrado nos sítios do compartimento do cânion). Assim, esta zona de contato, por sua proximidade com o cânion, pela riqueza de suas jazidas de matérias minerais, ou ainda por sua capacidade de conservar os elementos arqueológicos, se revela rica em vestígios pré-históricos. Foi a partir daqui que encontramos os primeiros sítios de ocupação.

**2.3 - O compartimento do cânion:** se caracteriza não somente por seu imponente relevo cárstico (abrigos sob rocha, grutas, grande cânion, dolinas, ravinas, etc.), mas também por sua importante ocupação humana - aproximadamente 100 sítios arqueológicos, provavelmente constantes desde a passagem Pleistoceno/Holoceno. A vegetação dos afloramentos calcários é do tipo floresta decídua (Caatinga) e abriga uma fauna específica, mas também recebe os animais do seu entorno. O compartimento é visitado por muitos animais, pois ele serve de corredor de passagem entre o alto vale e a planície aluvial. A frequência humana parece estar diretamente ligada ao carste: abrigos e entradas de gruta foram sistematicamente utilizados.

Sobre os calcários nota-se a presença de uma cobertura de siltito (Nhandituba) e de arenito (Urucuia), sob a forma de línguas residuais (sítio arqueológico do Judas), esta às vezes aprisionada dentro do carste. As matérias-primas líticas disponíveis neste compartimento são o calcário, os blocos de sílex presentes nos velhos terraços do Peruaçu ou dentro dos paleopreenchimentos litificados ou ainda dentro da antiga cobertura. Observam-se também os blocos de arenito silicificado, de calcedônia, assim como os nódulos de sílex dentro dos calcários ("bonecas de sílex"). Enfim, o rio Peruaçu torna-se uma verdadeira jazida de matéria-prima com os seixos que representam a grande maioria das rochas disponíveis dentro da bacia. O essencial das indústrias líticas estudadas provém deste setor, sendo este o melhor

estudado até agora, em razão da facilidade de observação dos sítios de abrigo (pinturas rupestre até mais de 10 m de altura do solo atual), mas também pela abundância e do estado de conservação dos vestígios arqueológicos (corpos semi-mumificados, fibras, instrumentos em madeira, etc.). As escavações concentraram-se dentro destes abrigos, onde as acumulações estratigráficas permitiram estabelecer uma cronologia cultural das populações que os freqüentaram.

**2.4 - A planície aluvial:** entre as cotas 500-440 m, quando o rio Peruaçu encontra o grande vale carstificado do São Francisco (fig. 1), de aproximadamente 30 km de largura, o relevo apresenta uma topografia plana, permeada de dolinas que podem se transformar em lagos sazonais. Alguns hums aparecem acima da topografia, relíquias do maciço calcário (morro Belo Monte, morro de Itacarambi).

A vegetação deste compartimento é fortemente antropizado (fazendas de gado ou de plantações de cana de açúcar, de milho, de mandioca, construção de portos e de vilas, etc.).

Por volta de 1820, Spix e Martius [1981], relatam que o rio São Francisco estava contornado por uma grande zona palustre (alagadiço, parte da área de inundação do leito maior), com vegetação, barro, madeira flutuante, emaranhado de espinhos, de carcassas de animais transportados pelas inundações, etc., formando um setor quase impenetrável. Esta zona estava contornada por uma floresta de grandes árvores e de lagos ricos em fauna. Estes lagos foram, e ainda são, cheios de peixes e de aves de dimensões diversas. Trata-se de locais de desova de certos peixes. A destruição da floresta galeria parece ter sido um dos responsáveis pela destruição - parcial ou total - destes locais, assim como, pelo assoreamento do rio.

A especificidade deste compartimento pode ser resumida em 4 pontos principais:

- possibilidade de navegação.
- grande quantidade e variedade de peixes e aves de grande porte,
- grandes seixos e blocos de matéria silicosa,
- presença de abrigos nos morros calcários residuais.

### **III - A ocupação humana pré-histórica: um sistema antrópico organizado**

A percepção do espaço pelo Homem conduz a uma classificação dos elementos que o compõem. Utilizando estes elementos como ponto de localização, como fonte alimentar ou mineral, como lugar de acampamento prolongado ou de repouso temporário, como sítios à vocação espiritual, ou simplesmente como percurso entre dois pontos de parada, o grupo socializa o espaço dentro do qual ele se estabelece [M.J. Rodet 2006]. É o sistema antrópico. Um dos objetivos principais da pesquisa arqueológica é a compreensão do espaço utilizado pela ocupação pré-histórica, e o estudo geoarqueológico contribui para esta compreensão, tentando entender a função “social” dos diferentes espaços utilizados, e de suas inter-relações, formando um conjunto sócio-espacial.

Na bacia do rio Peruaçu, o abrigo é um lugar de passagem, que pouco a pouco toma uma vocação cerimonial (pinturas, sepulturas, oferendas, etc.). M. J. Rodet [2006] fez desta idéia um elemento fundamental na sua identificação e definição da ocupação do espaço pré-

histórico no norte do estado de Minas Gerais. As freqüentações dos sítios mostram uma diferenciação de suas utilizações no tempo, principalmente nos abrigos, e segundo o tipo de sítio (abrigo - céu aberto), evoluindo do *status* de simples acampamento de passagem para um espaço à vocação ritual:



*Figura 2 - Na Lapa dos Bichos, pinturas no teto da mega-galeria (foto. I. Mascarenhas).*

- No início (12000-10000 BP), os abrigos são utilizados de maneira discreta, há algumas fogueiras com poucos restos animais.

- No segundo período de ocupação (10000-8000 BP) o comportamento não é muito diferente. Inicialmente, as fogueiras e os vestígios líticos são sempre representativos de uma passagem rápida, deixando vestígios da utilização ou reavivagem dos utensílios líticos trazidos (lascas de fim da cadeia operatória, ausência ou raridade dos utensílios). Os restos deixados nas fogueiras também não variam muito daqueles do período anterior. A presença de frutos sazonais sublinham uma freqüentação durante um período específico. As modificações mais importantes na maneira de ocupar o espaço acontecem por volta de 9000 BP, quando são encontrados os primeiros sinais de uma representação gráfica incisas sobre um bloco calcário tombado. Em seguida, em torno de 8000 BP, uma outra modificação: as fogueiras não têm somente restos alimentares, mas têm também manchas de pigmentos.

- As transformações nas ocupações dos abrigos persistem, por volta de 7900 BP, com o aparecimento dos primeiros sepultamentos. A relação fogo/pigmento é mantida: os pigmentos estão presentes no entorno das fogueiras. A partir deste período, passamos a encontrá-los, em maior quantidade, dentro das fossas sepulcrais.

- No período seguinte (entre 4000 e aproximadamente 700 BP), a vocação cerimonial ou simbólica destes abrigos parece estar plenamente estabelecida. O local continua sendo utilizado para sepultamentos, mas a partir do aparecimento das plantas domesticadas, passa a ser utilizado como local de “enterramento” de grandes cestas vegetais. Estas estruturas não são verdadeiros silos: o volume e o peso dos vegetais depositados, em torno de 2 kg para os mais pesados (secos), o grande número de elementos parcialmente consumidos (fragmentos de mandioca) ou vazios (frutos) dentro das cestas, ou ainda a natureza de certos objetos (plumas, pregos de ferro, contas, etc.), levam a pensar que estas estruturas foram destinadas a outra coisa e não a simples estocagem de alimentos. É possível tratar-se, dentro de um contexto cerimonial, de oferendas. No mais, estes abrigos são sempre cheios de pinturas rupestres (fig. 2). A única datação direta das pinturas os situa, pelo menos para uma parte deles, por volta de 3000 BP. Isto deixa supor uma ligação entre as pinturas rupestres e os pigmentos. Um trabalho para distinguir as particularidades das pinturas dentro de cada abrigo poderia completar nossa reflexão.

A. Isnardis [2004] realizou um estudo fundado essencialmente sobre as superposições das pinturas, o qual demonstra uma evolução na frequência dos abrigos, na utilização das cores, e também na distinção dos espaços gráficos. Se, inicialmente, poucos abrigos são pintados, nos últimos períodos, eles são quase todos pintados ou picoteados, mesmo os menores ou os mais distantes do vale do rio.

- Enfim, a última ocupação do vale (vestígios em sub-superfície e em superfície) ilustra uma modificação peculiar: se até então os abrigos não apresentaram muito utensílios líticos, estes se tornam mais numerosos e presentes não só nos abrigos, mas também nos sítios a céu aberto. O número de fogueiras aumenta, e os restos encontrados também se diversificam. Estes vestígios podem refletir o contato com o colonizador que, desestruturando o modo tradicional de vida destas populações, expulsa os índios de certos “lugares cotidianos” - as margens do rio São Francisco, forçando-os a se esconderem em setores mais distantes, de difícil acesso, como os cânions. Em consequência, a função dos abrigos pode se modificar, assim como sua frequência. As populações, mais presentes neste setor, deixam mais vestígios.

## Conclusão

Na bacia do rio Peruaçu a abordagem geoarqueológica permitiu evidenciar uma apropriação e uma transformação do espaço pelos grupos pré-históricos.

A compartimentação da paisagem oferece recursos líticos e biológicos variados, que em função de suas qualidades e do ritmo das estações limitaram ou favoreceram a ocupação humana pré-histórica. Assim, as condições específicas de cada compartimento definem sua utilização pelos grupos humanos.

Na bacia do rio Peruaçu, a abordagem sistêmica, baseada nas características geológicas, geomorfológicas e biológicas, permitiu a definição de quatro subsistemas específicos.

No alto vale, zona plana e arenosa, não há sítios de abrigo ou de jazidas líticas. Este setor é, muito provavelmente, dedicado à caça e a coleta, de acordo com o ritmo sazonal do cerrado. O bioma oferece uma diversidade vegetal importante, que atrai uma grande variedade de herbívoros e seus predadores. No período da floração do pequi (*Caryocar brasiliense*), varas de porcos selvagens sobem o vale para consumir este fruto. Eles são certamente seguidos por caçadores.

A zona de transição oferece as primeiras jazidas líticas utilizáveis (granito, arenito, quartzo, calcário, etc.), mas nenhum abrigo. A vegetação é diversificada (cerrado, caatinga) em função do substrato e do relevo que se torna pouco a pouco imponente. Neste setor, são observados os primeiros vestígios de ocupação humana pré-histórica, em sítios a céu aberto.

O compartimento do cânion desenvolve-se essencialmente dentro do maciço calcário, onde o rio Peruaçu escavou 17 km de seu percurso dentro de galerias e gargantas. Os desmoronamentos destas cavernas originaram um imponente relevo cárstico. As paredes abrigadas aos pés das falésias e as entradas das grutas foram amplamente utilizadas pelos grupos pré-históricos. A presença do Homem foi marcada pela transformação destes espaços e os numerosos painéis de pinturas e gravuras rupestres testemunham a ocupação. A utilização moderna deste espaço (agricultura, desmatamento, pecuária, mineração, turismo) coloca em perigo estes importantes vestígios pré-históricos.

A confluência do rio Peruaçu com o rio São Francisco se realiza no seio de uma grande planície aluvial, da qual emergem alguns morros calcários residuais. Estes espaços também foram ocupados por grupos humanos desde o início do Holoceno, como demonstra nossas pesquisas atuais no sítio arqueológico Caixa d'Água, Buritizeiro, margem esquerda do São Francisco a 200 km a montante do Peruaçu. O grande rio representa uma importante via de penetração e uma fonte de alimentos fundamental. Em suas margens, as florestas de galeria sustentam uma fauna específica, também caçada pelos grupos pré-históricos. Esta grande variedade de recursos alimentares permite uma perenização da implantação humana sob forma de grandes aldeias.

Enfim, atualmente estamos com um projeto de pesquisa um pouco mais a montante, em outra pequena bacia, a do rio Jequitaí. Este rio deságua no São Francisco próximo às cidades de Buritizeiro e Pirapora. Nossa intenção é a de testar e desenvolver nosso modelo, além de completar os estudos arqueológicos sobre o Brasil Central.

### Referências bibliográficas

- Isnardis A. - 2004. *Lapa, parede, painel. Distribuição geográfica das unidades estilísticas de grafismos rupestres do vale do rio Peruaçu e suas relações diacrônicas*. Mestrado, USP : 115 p.
- Piló L.B. - 1997. Caracterização regional do carste do vale do rio Peruaçu. *O Carste*, Belo Horizonte, 9 (2): 22-29.
- Rodet J., Mariano D.F., Rodet M.J., Pouclet A., Piló L.B., Willems L. - 2003b. Evolução cárstica do vale do rio Peruaçu (Minas Gerais): uma nova abordagem. XIIº Simpósio de Geologia de Minas Gerais, Ouro Preto, 4-8 novembro 2003, resumos : 97.

- Rodet J., Rodet M.J., Ferreira D., Nascimento S., Huguet Y. - 2003a. Novos elementos da evolução geomorfológica do vale cárstico do Rio Peruaçu (Januária - Itacarambi, Minas Gerais). Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Espeleologia, Januária (MG), 4-14 de julho de 2003, Sociedade Brasileira de Espeleologia, resumo: 2 p.
- Rodet J. e Rodet M.J. - 1999. *Relatorio de missão no Vale do Rio Peruaçu (Januária - Itacarambi, Minas Gerais, Brésil), 16-22 dezembro 1.998*. Departamento de Arqueologia, Museu de Historia Natural, UFMG, Belo Horizonte, janeiro 1999, 4 p.
- Rodet J. e Rodet M.J. - 2001. Evolution karstique et ressources lithiques archéologiques. L'exemple du Rio Peruaçu (Januária - Itacarambi, Minas Gerais, Brésil). Actes du XIème Congrès National de Spéléologie, Genève (Suisse), 14-16 septembre 2001 : 129-134.
- Rodet J., Rodet M.J., Mariano D.F., Willems L., Pouclet A. - 2005. New approach of the karstic evolution of the canyon of the Peruaçu river (Januária-Itacarambi, Minas Gerais, Brazil). 14<sup>th</sup> UIS Congress, Athens-Kalamos, 23-28 august 2005, CDRom Full Paper : O-33 (6 p.).
- Rodet M.J. - 2001. *L'étude technologique de l'industrie lithique du site de Terra Brava (vale do Peruaçu, Minas Gerais, Brésil)*. Mémoire de Maîtrise, Université de Paris X, Nanterre, Maison d'Archéologie et Ethnologie : 115 p.
- Rodet M.J. - 2006. *Etude technologique des industries lithiques taillées du nord de Minas Gerais, Brésil, depuis le passage Pléistocène/Holocène jusqu'au contact - XVIIIème siècle*. Thèse de doctorat de l'Université de Paris-X, Nanterre: 516 p.
- Rodet M.J., Rodet J., Nascimento S.A., Mariano D.F., Huguet Y., Silva J.R. - 2002. Metodologia de prospecções geoarqueológicas dentro de uma bacia (exemplo da bacia do Rio Peruaçu, Minas Gerais, Brasil). *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo*, **12** : 25-41.
- Spix J-B. von et Martius C.F-P. von - 1981. *Viagem pelo Brasil : 1817-1820*. Belo Horizonte, ed. Itatiaia, e São Paulo, Ed. da USP, 2 vol. : 301 p (edição original, 1823-1831).